

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E SUAS REPRESENTAÇÕES NO CINEMA: O DISCURSO DO FILME “ELA” (HER)

*Leonardo José Góes Oliveira
Maria do Céu de Araújo Santos*

Resumo: O artigo tem como objetivo compreender as representações no cinema, no que diz respeito as relações entre humanos e máquinas, a partir do filme ‘Ela’ (Her). Para isso realizaremos uma análise dos personagens e a influência da Inteligência Artificial (IA) em contextos de vida, tendo o foco para o personagem Theodore. A pesquisa tem abordagem de estudo qualitativa, utilizando a Análise do Discurso (AD) de Orlandi (2001; 2015) para estudo das narrativas enunciadas no filme. O foco de compreensão é a IA retratada no cinema e seguindo os conceitos do cientista Alan Turing (1950), questiona-se ‘As máquinas podem pensar?’. Realiza-se, assim, uma conexão entre os termos “máquina” e ‘pensar’, a partir de reflexões sobre o próprio significado das palavras. Com a análise do filme, compreendemos que o ser humano, apesar de todo avanço científico teórico e da possibilidade das diversas relações humanas, ele se torna cada vez mais dependente da tecnologia e de vínculos afetivos com a máquina.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Cinema. Representações. Discursos.

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND ITS REPRESENTATIONS IN CINEMA: THE DISCOURSE OF THE MOVIE "SHE" (HER)

Abstract: The article aims to understand the representations in movies, regarding to the relationship between humans and machines, from the movie 'Her'. To do this, we will analyze the characters and the influence of Artificial Intelligence (AI) in life contexts, focusing on the character Theodore. The research has a qualitative study approach, using Orlandi's Discourse Analysis (DA) (2001; 2015) to study the narratives enunciated in the film. The focus of understanding is the AI portrayed in the movies and, following the concepts of the scientist Alan Turing (1950), the question is asked: 'Can machines think? A connection is thus made between the terms 'machine' and 'think', based on reflections on the meaning of the words themselves. By analyzing the film, we understand that, despite all the theoretical scientific advances and the possibility of various human relationships, human beings are becoming increasingly dependent on technology and emotional ties with machines.

Keywords: Artificial intelligence. Cinema. Representations. Discourse.

LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y SUS REPRESENTACIONES EN EL CINE: EL CASO DE LA PELÍCULA “ELA”

Resumen: Este artículo pretende comprender las representaciones en el cine de la relación entre humanos y máquinas, a partir de la película "Her". Para ello, analizaremos los personajes y la influencia de la Inteligencia Artificial (IA) en contextos vitales, centrándonos en el personaje Theodore. La investigación tiene un enfoque de estudio cualitativo, utilizando el Análisis del Discurso (AD) de Orlandi (2015) para estudiar las narrativas enunciadas en la película. El foco de comprensión es la IA retratada en la película. Siguiendo los conceptos del científico Alan Turing (1950), se pregunta: "¿Pueden pensar las máquinas?", estableciendo así una conexión entre los términos "máquina" y "pensar", generando reflexiones sobre el propio significado de las palabras. Analizando la película, comprendemos que, a pesar de todos los avances científicos teóricos y de la posibilidad de diversas relaciones humanas, los seres humanos dependen cada vez más de la tecnología y de los vínculos emocionales con las máquinas.

Palabras clave: Inteligencia artificial. Cine. Representaciones. Discursos.



1. INTRODUÇÃO

A Inteligência Artificial (IA) teve sua origem durante a década de 1950, estando praticamente atrelada ao surgimento do próprio computador. Mais precisamente, no ano de 1956, ocorreu a *Darhmouth College Conference*, que é considerada o marco inicial da IA. Os pesquisadores reconhecidos como especialistas da área, como John MacCarthy, Marvin Minsk, Alan Newell e Herbert Simon, entre outros, participaram desse evento e tiveram trajetórias científicas que estabeleceram marcos nesse fascinante domínio da Computação (Schimann, 2021).

Schimann (2021) ainda relata que, atualmente, a humanidade atravessa novamente um período de êxtase sobre os possíveis tais benefícios que a IA pode oferecer a sociedade. Este otimismo se justifica pela união de três fatores fundamentais: (i) o custo do processamento e de memória nunca foi tão barato; (ii) o surgimento de novos paradigmas, como as redes neurais profundas, possibilitados pelo primeiro fator e produzindo inegáveis avanços científicos; e (iii) uma quantidade de dados gigantesca disponível na *internet*, esta última a razão do grande uso de recursos tais como redes e mídias sociais (Schimann, 2021).

De acordo com Carvalho (2021), torna-se indispensável observar que o aumento do efeito da IA nos setores da economia mundial já é discutido há algum tempo. Em 1966, o estatístico britânico Irving John Good estimou a contribuição de uma máquina ultra inteligente para a economia britânica, tendo sido o pontapé para o que futuramente se tornaria a Inteligência Artificial.

Diante disso, justificamos a relevância da pesquisa acerca da temática IA, visto que atualmente há significativos estudos sobre este assunto em na academia, além de estar se tornando algo cada vez mais recorrente

atualmente e para as próximas décadas, por impactarem sobre a forma como a tecnologia é empregada e suas consequências na vida em sociedade.

Ressaltamos os exemplos que se apresentam no cinema e na música, em que o emprego de tecnologias impacta em direitos autorais no uso demasiado de inteligência para diversas finalidades. Outro exemplo, dentro da temática, é um filme que pode ter dublagem por atores humanos, porém com cenários, personagens e músicas construídas com base na IA. Desta forma fica uma reflexão, é considerado ético o emprego demasiado de IA? É plausível de regulamentação nas instituições e indústrias como o entretenimento? O que é de fato concreto é a influência sem precedentes que a IA tem na sociedade, fica o questionamento se elas podem pensar, e fazer discursos, desta forma serem um espelho do ser humano?

Os questionamentos refletem o momento de transição que estamos passando na sociedade contemporânea, pois saímos dos lugares fixos de aprendizagem e entretenimento; dos encontros presenciais; das compras nas lojas; dos filmes nos cinemas... e vivemos experiências diversas mediadas pela tecnologia e suas diversas interfaces.

No entanto, há muitas formas da IA ser empregada no cinema, seja em filmes realizados inteiramente por meio da tecnologia ou até mesmo, por meio da crítica e da reflexão que envolve a psicologia, em relação ao impacto da mente humana e do uso de diversas tecnologias que são gerenciadas por algoritmos. Diante disso, enfatizamos a importância dos discursos para entender como os personagens se relacionam com a tecnologia, na ficção, que pode ser influenciar a realidade.

Com base no proposto neste estudo, apresentamos como objetivo geral: compreender as representações no cinema, no que diz respeito as relações entre humanos e máquinas, a partir do filme 'Ela' (*Her*); tendo como percurso de pesquisa atingir o intencionado no estudo. Nesse sentido, elencamos os

seguintes objetivos específicos: Identificar a Inteligência Artificial (IA) na era dos assistentes virtuais e *chatbots*; Entender as representações no cinema com IA, a partir dos discursos identificados no filme *Ela (Her)*; Esclarecer o viés psicológico no filme no que diz respeito a carência de afetos, nos contextos sociais, e o apego a dispositivos eletrônicos.

A proposta metodológica de análise do filme é classificada como Análise do Discurso de Orlandi (2001; 2015), em que defende o discurso como uma produção de sentidos dentro de um determinado contexto social, histórico e em certas condições de produção. Em seu livro, a autora afirma que a AD trabalha “refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (Orlandi, 2015, p.11). Desta forma, com essa afirmação, a discussão está voltada para bases da própria AD, tornando-se essenciais para a compreensão das alternativas pelas quais a ideologia se faz presente na prática discursiva: a linguística, o marxismo e a psicanálise (Orlandi, 2015).

Na intencionalidade de compreensão, a partir da Análise do Discurso (AD), fundamentada em Orlandi (2001; 2015), temos como base a clareza que as análises do filme, que partem de dois autores, e que não são únicas e nem determinantes. O percurso de análise é tecido por uma teia de experiências, de apagamentos, de gritos, de ideologias e de outros fatores que nos determinam e que constroem as nossas identidades.

Logo, para propor uma compreensão, é necessário o conhecimento teórico para conseguirmos ir além de nós mesmos. A autora proposta para a compreensão, tem como fundamento teórico de discurso enquanto um processo em movimento, confirmado por ela: “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento” (Orlandi, 2001, p.15).

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, em que segundo Denzin e Lincoln (2006), possui uma proposta interpretativa do mundo. Isto significa que os seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles oferecem (Denzin e Lincoln, 2006).

A pesquisa é bibliográfica, quando buscamos um diálogo teórico reflexivo com autores que discutem a temática proposta do artigo, procurando compreender a relação entre o ficcional, o filme, e a realidade contextual da vida em sociedade. As fontes de aprofundamento na discursão científica são essências para assegurar as considerações acerca do estudo (Sampiere, Collado e Lucio, 2013).

A escolha pelo filme, é atribuída por retratar um mundo ficcional, em que identificamos fragmentos da realidade, movimento esse que acaba nos colocando como pertencentes desse enredo cinematográfico. Vivemos a partir das cenas realidades vistas e vividas, mesmo sabendo que se trata de uma simulação. O artigo se propõe a realizar o diálogo entre as cenas do filme e a realidade vivida em contextos sociais, precisamente a IA, com proposta de compreender as representações no cinema, no que diz respeito as relações entre humanos e máquinas, a partir do filme 'Ela' (*Her*).

Para desenvolvermos o processo de compreensão proposto pelo objetivo geral e específicos, analisamos, mais profundamente, cinco (5) cenas. A primeira representa a cidade de Los Angeles, enfatizando uma penumbra que remete à solidão, e o local de trabalho do personagem; Na segunda analisamos o modo como Theodore se veste e a relação com o sistema operacional; Na terceira enfatizamos a relação de amizade do personagem principal com a sua amiga Amy; Na quarta retratamos como Theodoro se avalia com relação as outras pessoas; e na última cena relatamos como o foi que o personagem adquiriu o *software* OS1, posteriormente denominado de Samantha.

O objeto deste estudo é investigar a IA retratada no cinema, com suas perspectivas de comportamento e subjetividades dos personagens representados e suas diversas manifestações no contexto histórico-social dos sujeitos sociais que vivem, cotidianamente, mudanças nos mais diversos aspectos, como consequência da imersão da tecnologia em suas vidas.

O corpus de compreensão do trabalho será constituído pelo filme 'Ela' (*Her*), dirigido por Spike Jonze, cujos cenários e contextos políticos refletem realidades distópicas vividas na sociedade atual. Para esta investigação, os discursos dos personagens serão apresentados no sentido de que possamos entender suas relações, como por exemplo, o caso entre o protagonista da história, denominado Theodore; e sua assistente virtual, Samantha.

A importância desta pesquisa é também poder trabalhar em áreas diversas, propondo discussões sobre o tema como forma interdisciplinar de investigação entre as áreas de Artes Visuais, Cultura, Tecnologia e Sociedade. Por meio das obras cinematográficas e suas representações, será possível refletir sobre as condições extremas das realidades sociais em um mundo dito como "pós-humano", em constante transformação. E desta forma observar as relações que a sociedade tem com a tecnologia em seus contextos políticos e sociais.

2. A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: A ERA DOS ASSISTENTES VIRTUAIS E CHATBOTS.

Diante das análises de Schimann e Carvalho (2021), sobre o surgimento e popularização da IA, atualmente o mercado global possui várias empresas que utilizam a inteligência artificial, entre elas a própria *Microsoft* com o *Microsoft Copilot* (Figura 1) e *Chat GPT* (Figura 2), ambos usados por uma grande massa global, e populares em seu segmento. Além disso, aplicativos

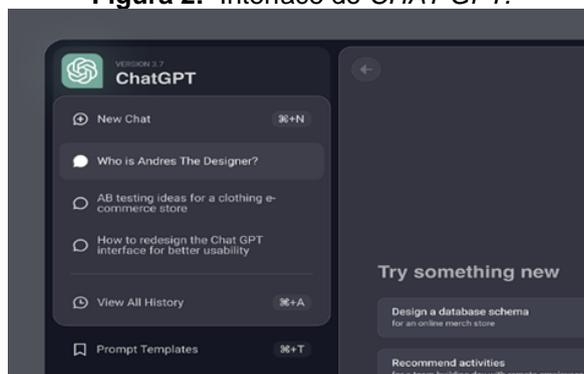
e *softwares* apresentam integrados, em suas plataformas, o uso da tecnologia como forma de aprimoração de seus serviços.

Figura 1: Interface do *Microsoft Copilot*.



Fonte: Imagem *print* Autoral, *Microsoft Copilot*, 2024.

Figura 2: Interface do *CHAT GPT*.



Fonte: Imagem *print* Autoral, *Chat GPT*, 2024.

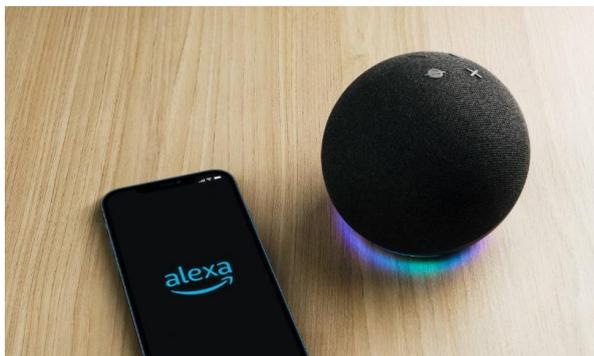
Além destas empresas, podemos citar serviços de governos, prefeituras e países com o uso da inteligência artificial, que buscam a otimização dos serviços prestados. Atualmente, há a inclusão de serviços como assistentes virtuais, que são amplamente divulgados e conhecidos pelo grande público, neste caso se pode citar a *Siri* (assistente virtual da *Apple*) (Figura 3) e *Alexa* (assistente virtual do *Amazon*) (Figura 4) e presente nas empresas do chamado *Big Data*.

Figura 3: Interface da *Siri* da *Apple*.



Fonte: Imagem *print* Autoral, *Apple*, 2024.

Figura 4: Interface da *Alexa*, da *Amazon*.



Fonte: Imagem *print* Autoral, *Amazon*, 2024.

Atualmente, são difundidos pelas plataformas de redes sociais novos equipamentos como o *Apple Vision Pro* (Figura 5) lançado em 2023, que promete realidades mistas e cria avatares por inteligências artificiais, demonstrando um mundo em constante transformação.

Figura 5: Design do *Apple Vision Pro* da *Apple*.



Fonte: Imagem *print* Autoral. *Apple Vision Pro*, 2024.

Podemos dizer que hoje há uma corrida pelo desenvolvimento de tecnologias digitais como a IA, que podem auxiliar ao uso de robôs avançados, inseridos no imaginário da sociedade, como no filme de ficção científica *Blade Runner*

(1982) do diretor Ridley Scott. Porém, além do impacto que estas tecnologias causam em nossa sociedade, é importante entender que muitas empresas pensam na regulamentação deste serviço, por questões éticas de sua utilização, algo ainda em discussão atualmente.

Diante disso, vários setores como o do cinema e da música, têm se movimentado para que a IA seja uma aliada e não ameaça à produção não só visual, mas artística, em galerias de arte que usam recursos audiovisuais. As novas tecnologias terão ainda mais influência nas chamadas interlocuções denominado espaço tempo. Alguns especialistas asseguram que as tecnologias como a IA, podem levar processos de automação da percepção da industrialização da visão (Castro, 2007).

Castro (2007) explana o exemplo do filme *Inteligência Artificial*, sobre a chamada transgressão das fronteiras, que vai separar o que é natural do artificial, gerando aberturas de multiplicidades, e permitindo o chamado espaço híbrido e as suas fronteiras. No filme, o homem, mesmo com todo avanço tecnológico por ele pesquisado e criado, entrou em desequilíbrio no seu próprio contexto de vida, que envolve comportamentos éticos no uso de tecnologias artificiais.

Esta fala de Castro (2007) sobre o filme é importante, pois podemos compreender como as obras cinematográficas retratam a inteligência artificial. Em análises mais recentes, como a de Jonathan Crary (2016), é possível perceber que a era pós capitalista, no exemplo de filmes de ficção científica, vivem uma ruptura da realidade.

3. REPRESENTAÇÕES NO CINEMA COM IA: O DISCURSO DO FILME *ELA*

Quando se fala em representações, o autor Moscovici (2013) descreve que estas são vistas como fenômenos, caracterizando o pensamento primitivo do homem, a ciência e o senso comum, revelando como este pensa ao relacionar esses elementos com sua vida. Neste sentido, as representações sociais vão

refletir sobre como são estabelecidas as relações entre humanos em diversas áreas, no caso nas artes e ficção do cinema e como elas são descritas por meio de discursos e ações humanas. Este fato pode revelar como indivíduos e suas relações sociais são frágeis ou complexas, algo analisado no filme.

O exemplo de representações, cerne deste artigo, é o filme “Ela” (*Her*) - (2013), lançado no Brasil em 2014, com duração de 2h 6m, dirigido por Spike Jonze. O enredo retrata Theodore Twombly, um escritor solitário, interpretado por Joaquin Phoenix, que acaba de comprar um novo sistema operacional para seu computador. O personagem se apaixona pela voz de Samantha, emitida por Scarlett Johansson, deste programa informático, dando início a uma relação amorosa entre Theodore e Samantha. Esta história de amor incomum explora a relação entre o homem contemporâneo e a tecnologia.

No filme, Theodore está retratado em uma Los Angeles com cores neutras (Figura 6), algo que pode ser relacionado a solidão dele, em que vive um *looping* de trabalho em uma sociedade capitalista e dependente da tecnologia. No entanto, a relação forte em suas próprias vestimentas, o vermelho, tom salmão do protagonista, é uma cor comum ao sistema operacional, o que já demonstra uma futura relação de Theodore com a personagem Samantha (Figura 7).

Figura 6: Filme apresenta uma Los Angeles de cores explicitamente neutras.



Fonte: Imagem *print* Autoral. Warner Bros/ Entertainment/ Prime Video.

Figura 7: Cores tons salmão de Theodore e o sistema operacional Samantha.



Fonte: Imagem *print* Autoral. Warner Bros/ Entertainment/ Prime Video.

Dessa forma, de acordo com a psicanálise de Sigmund Freud, nas conferências chamadas de *Cinco lições de psicanálise*, publicada 1910 o autor discorre, na teoria psicanalítica, que os processos psíquicos são em maioria inconscientes, ou seja, a consciência não é mais do que uma fração da vida psíquica total. A psicanálise é um método de investigação da mente humana e dos seus processos que a eleva além das suas relações biológicas e fisiológicas (Freud, 2019).

Com este pensamento freudiano, a relação de cores no filme, com o vermelho recorrente, pode indicar uma violência psicológica que, no caso, é sobreposta por algo que se torna o amor. Este fato se acentua mais adiante na relação com a sua assistente inteligente.

Assim sendo, vemos como essa interconexão está cada vez mais próxima, mesmo que a narrativa na realidade e a ficção no filme não sejam iguais. Percebe-se que elas se aproximam, pois a necessidade em ter companhia, nesse caso, é importante para os personagens. Essa relação entre humanos e máquinas se torna complexa quando se percebe o que se torna humano ou não.

Este mesmo tema, foi especialmente retratado no filme de ficção científica *Blade Runner* (1982). Nesse sentido, então, é possível existir amor entre seres humanos e máquinas quando olhamos a sinceridade do filme *Ela*? Esse seria

o primeiro questionamento do filme, que persiste até o fim da trama, algo debatido com Turing (1950), em que se pergunta sobre a possibilidade de existir sentimentos entre o ser humano e a máquina. Ou seja, se a máquina teria sentimento, o que ocasionaria a existência de um pensamento, que é uma característica do ser humano, a racionalidade.

De fato, a questão psicológica freudiana (2019) é algo de grande importância para entender o filme *Ela*. Em muitos diálogos de Theodore, observa-se como seu psicólogo move a trama, quando o mesmo se separa e retrata, em desabaços, as relações de luto e de amizade (junto à personagem de Amy Adams, sua grande amiga na trama). Essa personagem é dona de uma beleza encantadora e, estabelece com Theodore, uma relação tão próxima quanto à que ele mantém com Samantha. Tal fato é notado quando em um diálogo, em que Amy (Adams) está brilhando, ela escuta o desabaço do amigo. Pode-se observar o seu sorriso sincero ao ser abraçada (Figura 8) por ele, que é quase como senti-lo pessoalmente.

Figura 8: Amy e Theodore, possuem relação próxima e intensa.



Fonte: Imagem *print* Autoral. Warner Bros/ Entertainment/ Prime Video.

Segundo Castro e Lobo (2015), em seu texto *Ela – A Delicada Distopia*, o ambiente de Theodore é superficialmente organizado, asséptico e harmônico, porém, extremamente solitário, o que o leva a crise existencial. No filme há um senso crítico acerca do que é a solidão e a desconexão emocional entre as pessoas, que em um mundo tecnológico se isolam em suas vidas privadas, e estão alienadas nos próprios sentimentos (Castro e Lobo, 2015).

Desta forma, Castro e Lobo (2015) ressaltam que a utopia, na qual os personagens vivem, apresenta-se como o mecanismo ideológico de uma distopia capitalista perversa. Sendo a utopia um não-lugar, o espaço para se sublimar a dor em forma de esperança por um mundo futuro melhor, o simples ato de viver em um suposto mundo utópico, torna-se um paradoxo.

O filme investigado, segundo a metodologia Análise do Discurso, retrata uma sociedade que está inserida e completamente dependente de tecnologias digitais, apresentando o envolvimento do personagem Theodore, que se apaixona por uma máquina. As representações deste filme são ainda mais complexas, quando levamos em consideração a inteligência artificial na atualidade, que vem se aprimorando e se tronando assunto bastante discutido como Beiguelmann (2021) e Crary (2016) discutem em seus livros, *Políticas da Imagem* e *24/7 e os fins do sono*, respectivamente. O filme revela a solidão do protagonista, a crise existencial, a relação Homem x Máquina e a sociedade futurista e tecnológica.

Sobre a Análise do Discurso (AD), as narrativas de desabafos de Theodore, com seu próprio sentimento, sua relação com Amy e a assistente virtual Samantha, interpretada por Scarlett Johanson, possuem camadas que vão da psicanálise, passando por empatia, por sentimentos como abandono, luto e sinceridade.

Em uma dos diálogos, Theodore analisa as próprias condutas quando afirma: “Eu não sei o que eu quero nunca, eu sempre estou confuso, tudo o que faço é ferir todos ao meu redor” (Figura 9). O tom da fala do personagem apresenta-se um pouco depressivo, pois o personagem lamenta e lembra sua relação conturbada com a ex-esposa, analisando sua solidão e as relações “tóxicas” com elas.

Figura 9: Theodore faz auto-avaliação no filme.



Fonte: Imagem *print* Autoral. A Curadoria/ Warner Bros/ Entertainment/ Prime Video.

Em outro momento do filme, é possível perceber que Theodore passa por encontros desastrosos até chegar a sua assistente virtual. É interessante observar que nos encontros virtuais, o áudio ocorre por meio de *headphones* ao invés de mensagens, o que já revela a sociedade em uma tecnologia mais avançada. Diante disso, ele descobre o aparelho OS1 (*software* da empresa e do computador) (Figura 10), que mais tarde seria intitulado de Samantha.

Ao configurá-lo para uso pessoal, a própria empresa vende o aparelho, e o sentimento de quem compra este dispositivo é de aquisição de uma companhia, bem semelhante ao que seria um humano. Esta passagem nos possibilita refletir sobre os vazios sociais entre as pessoas, e que essas buscam em um sistema operacional relações de afeto, com desejo de preencher essas ausências. Enfatiza-se assim, que a dependência tecnológica vai além das necessidades materiais, e adentra sentimentos de afetos, chegando a se aproximar de interações estabelecidas entre as pessoas, por interconexões entre pessoas e máquinas.

Figura 10: Samantha , fabricado pela empresa OS1.



Fonte: Imagem print Autoral. Warner Bros/ Entertainment/ Prime Video.

Além disso, Theodore configura o aparelho mediante suas experiências pessoais e Samantha o incentiva, como se fosse uma amiga humana. Isso afeta os sentimentos do protagonista que, angustiado, pelas dificuldades de esquecer sua ex-esposa Penélope, que é humana, transfere seus sentimentos para Samantha.

Vale destacar que, durante a trama, a assistente Samantha sempre incentiva e valoriza a autoestima e os sentimentos de Theodore, tornando-se sua melhor companhia, o que a faz se autoquestionar sobre os seus sentimentos e o seu mundo. Esse fato é semelhante a de outra personagem, a Rachel do filme *Blade Runner* de 1982, que se questiona se seus sentimentos são realmente verdadeiros, ou seriam um delírio ou simulação? No caso de *Blade Runner*, sim.

No entanto, voltando a Samantha, esta que não tem um corpo, ela é apenas uma voz, o que a diferencia de Rachel que tem um corpo e é feita de semelhança intrigante ao ser humano? Desta forma será que as relações mudam e se tornam mais fortes sendo uma pessoa? Ou o sentimentalismo e amor não precisam de um corpo propriamente dito, pois é tomado de subjetividade do próprio ser humano que tem sentimentos? São muitas perguntas sem respostas fáceis, porém vale o questionamento.

Um ponto importante, tratado em Crary (2016), é um mundo cada vez mais capitalista, voltado a rápidos *insights*, caracterizado por uma sociedade de consumo cada vez mais forte, individualista e tecnológica. Desta forma é possível dizer que a corrida pela melhor inteligência artificial já começou, empresas multinacionais produzem seus *softwares* modernos e futurísticos. O que o cinema retrata com sentimentalismo, mesmo que tenha uma certa distância do momento atual, não poderá ocorrer futuramente,.. os chamados vazios de uma sociedade dependente de tecnologia, e com pouca ou nenhuma relação com o ser humano? Será que não ocorrerão semelhantes comportamentos como os apresentados em *Ela*?

Pode ser cedo para responder essa pergunta, mas o certo é que o avanço da IA é real, e que ano após ano mais investimentos contribuirão para essa evolução, impactando tanto positivo como negativamente nas relações das pessoas em seus diversos aspectos, social, econômico, profissional, científico, dentre outros.

4. O PSICOLÓGICO DO FILME *ELA*: A CARÊNCIA DE AFETO E O APEGO A DISPOSITIVOS

A questão psicológica da personagem é o ponto chave do filme '*Ela*', em que Theodore se vê atordoado no seu divórcio e tenta seguir a vida, quando Samantha "aterrisa" na sua vida, tornando-se um suporte de equilíbrio para sua carência afetiva. Essa situação, segundo a psicóloga Medeiros (2013), consiste na condição íntima da consciência, caracterizado pela sensação de falta de afeto, atenção, estima, reconhecimento, consideração, aprovação e aceitação de outrem, produzindo efeitos nocivos à saúde mental. Algo que pode vir de traumas do passado, passando por transtornos de ansiedade e demais outros.

Nesse sentido, destaca-se que Theodore sofreu um trauma com seu divórcio, e não consegue esquecer sua ex-esposa Penélope. Na trama, Theodore se encontra com Penélope para assinar os papéis referentes à dissolução do

casamento, o que resgata várias memórias afetivas da relação matrimonial, até que o assunto Samantha acaba sendo discutido, pois Penélope o julga por não saber lidar com o real e preferir o artificial.

Mais uma vez, a relação entre a ficção (o filme) e o real (as relações com a tecnologia em sociedade) são refletidas. Nota-se, na realidade atual, que as pessoas estão tão envolvidas com a tecnologia, que durante reuniões sociais, o uso dos celulares sobrepõe-se às interações humanas, quando os usuários chegam a passar, segundo relatório levantado pela empresa *State of Mobile*, 5,02 horas por dia, comprovando tal mudança nas interações sociais presenciais.

Diante disso, a análise de *Blade Runner*, com o fato de Rachel ter um corpo, é colocado em questão em *Ela*. Nesta discussão, Samantha contrata Isabella para interação com Theodore, o que provoca muitas falhas, visto que não há possibilidades de um envolvimento afetivo entre eles, mesmo que a voz seja de Samantha. Logo, questiona-se: será que Theodore se apaixona pela ideia de estar com alguém, pela idealização e não por alguém real? Como ele lida com as frustrações amorosas? Fica a dúvida, pois Samantha, mesmo sendo uma inteligência criada pelo homem e movida por um dispositivo, quer ser real, assim como Rachel, que é a imagem e semelhança de humanos. Então, o que nelas difere em seres menos ou mais humanas? É necessário só um corpo para que ela pense? Se elas pensam, e as máquinas podem pensar e formar discursos, qual a diferença entre elas e nós seres humanos? Uma questão aberta em constante discussão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado sobre o filme, é possível compreender, por meio da metodologia análise do discurso, que as relações estabelecidas entre humanos e máquinas estão cada vez mais presentes e conflituosas, apresentando semelhanças e adversidades como foram identificadas no filme *Ela (Her)*.

O psicológico é o forte da trama, o sentimentalismo e a necessidade afetiva imperam. É um filme que aborda crises existenciais do protagonista, em que a tecnologia e o mundo futurista são representados em diversas cenas e a relação entre o ser humano e máquina é o foco principal de discussão e análise. A intenção é levantar questões sentimentais presentes, pelo fato de que o seu protagonista se apaixona por uma voz gerada por um *software* de computador, refletindo a vida cada vez mais individualista, e influenciando na autoestima de cada indivíduo.

Ao considerar a realidade atual, percebe-se pessoas conectadas, quase *full time*, a diversos dispositivos e plataformas em *smartphones*, além de *chatbots* e assistentes virtuais, cuja base de dados são controlados por comando humano. Posto isto, nota-se cada vez mais filmes envolvendo este universo, disponíveis nos serviços de *streaming*, que retratam o uso e o compartilhamento de IAs, em diversos contextos, algo em grande discussão no meio político e social e tema bastante relevante nas discussões acadêmicas.

REFERÊNCIAS

AMAZON. **Imagem Print Autoral**. Disponível em: <https://bitlybr.com/ipaD>, Acesso em: 10 mar. 2024

APPLE. **Imagem Print Autoral**. Disponível em: <https://bitlybr.com/hjzx>, Acesso em: 10 mar. 2024.

CASTRO, Gustavo; e LOBO, Rafael. Ela: A Delicada Distopia. **Revista Língua & Literatura**. v. 17, n. 29, 2015.

CASTRO, Angelina Ferreira. As imagens da Inteligência Artificial nas Narrativas Literária e Cinematográfica. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. 122p. Belo Horizonte MG, 2007.

CARVALHO, André Carlos Ferreira. Inteligência Artificial: riscos, benefícios e uso responsável. Universidade de São Paulo, Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, São Carlos, **Estudos Avançados**. v, 35, n. 101, 2021.

CHAT GPT. **Imagem Print Autoral**. Disponível em : <https://bitlybr.com/ZyHX>, Acesso em: 15 fev. 2024.

CRARY, Jonathan. **24/7**: Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: UBU Editora, 2016.

FREUD, Sigmund. **Cinco Lições de Psicanálise (1910)**. São Paulo: Editora Cienbook, 2019.

MEDEIROS, Luziânia. Autoconsciência Terapia aplicada à carência afetiva. **Saúde Conscencial**, ano 2, n. 2, Setembro, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigação e Psicologia Social. 11 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

ORLANDI, Eni Pucielli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 3 ed. São Paulo: Editora Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. São Paulo: Editora Pontes, 2005.

PRIME VIDEO. **Imagem Print Autoral**. Disponível em: <https://bitlybr.com/NWYZ> , Acesso em: 29 fev. 2024.

SAMPIERE, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María Del Pilar Baptista. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. **Metodologia de Pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SCHIMINANN, Jaime Simão. **Inteligência Artificial e sociedade**: avanços e riscos. Universidade de São Paulo, Escola Politécnica, Departamento de Engenharia de Computação e Sistemas Digitais, São Paulo-SP. 2021.

STATE OF MOBILE, data.ai. **The Industry's Leading Report**. Disponível em: <https://bit.ly/4ei4Nr7>, Acesso em 13 jun. 2024.

TURING, A.M. Computing Machinery and Intelligence. **Mind**. n.59, p. 433-460, 1950.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão e ZOUAIN, Deborah Moraes. **Pesquisa qualitativa em administração**: teoria e prática. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SOBRE OS AUTORES:**Leonardo José Góes Oliveira**

Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Especialização em andamento em Urbanismo e o Futuro Das Cidades: Planejamento Inteligente e Impacto Sócio Ambientais pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Especialista em Arquitetura e Lightning pelo Instituto de Graduação e Pós Graduação (IPOG). Arquiteto e Urbanista graduado pela UNAMA.

Email: leonardooliveiraarquitetura@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2116-5539>

Maria do Céu de Araújo Santos

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e dos cursos de graduação em Pedagogia, Letras, História, Artes Visuais, Ciências Biológicas e Fonoaudiologia da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutora e mestre pelo PPGCLC/UNAMA. Membro do Grupo de Estudos interinstitucionais Narramazônia: narrativas contemporâneas da Amazônia Paraense (UFPA/UNAMA); e do Grupo de Pesquisa Academia do peixe frito e negritude no norte do Brasil.

Email: maria.ceu@unama.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8884-0471>

Artigo recebido em: 11 maio 2024. | Artigo aprovado em: 15 jun. 2024.